

A posição do ser humano no mundo e a crise ambiental contemporânea

Fábio Valenti Possamai*

Resumo: O presente trabalho discute a posição do ser humano em relação à natureza, seu poder e consequente responsabilidade que tem sobre ela. Ademais, o trabalho objetiva questionar o atual paradigma ambiental, baseado em um antropocentrismo exagerado e responsável pelo *status quo* que vivemos atualmente. O problema reside no fato de como o ser humano percebe o mundo e seu lugar nele. Devemos levar em conta que o ser humano é a única espécie capaz de promover sensíveis alterações no ambiente. Como consequência da atuação humana, a homeostase da biosfera está seriamente ameaçada, entendendo-se por homeostase a condição estável na qual um ecossistema encontra seu equilíbrio. A partir dos séculos XVI e XVII, com o pensamento de Francis Bacon e René Descartes, passamos a enxergar as coisas de modo diferente – inclusive a nós mesmos. O mundo, com tudo que há nele, começou a ser visto como uma grande máquina; o materialismo físico passou a imperar, formando um paradigma reducionista que predomina até hoje. A Ética Ambiental surgiu como uma resposta do homem ao próprio homem, é a afirmação que aspectos éticos podem ser aplicados ao outro, e não somente ao ser humano. O que precisaríamos seria uma grande mudança nesse paradigma, cuja origem se encontra nas Revoluções Científica e Industrial, que nos fizeram acreditar na ideia fantasiosa de um progresso infinito, além de colocar o método científico como única ferramenta válida na busca do conhecimento.

Palavras-chave: Paradigma ambiental, antropocentrismo, responsabilidade, mudança, ética ambiental

The position of the human being in the world and the contemporary environmental crisis

Abstract: The present work discusses the human being's position towards nature, his power and consequent responsibility he has over it. Moreover, the work aims to question the contemporary environmental paradigm, based in an exaggerated anthropocentrism and responsible for the *status quo* we live today. The problem dwells in the way human beings see the world and their position on it. We should bear in mind that the human being is the only species capable of promote great changes in the environment. As a consequence of human action, the biosphere homeostasis is seriously threatened, considering homeostasis as the stable condition in which an ecosystem finds his balance. Since the XVI and XVII centuries, with Francis Bacon's and René Descartes' thinking, we began to see the world in a different way – including ourselves. The planet, with everything on it, started to be considered as a great machine; the physical materialism begins to rule, forming a reduction paradigm that lasts until today. Environmental Ethics has emerged as an answer from man to the man itself; it is the affirmation that ethical principles could be applied to the other, and not only to

human beings. What we need is a great change in this paradigm, whose origin is in the Scientific and Industrial Revolutions, which made us believe in the wrong idea of an infinite progress, and furthermore put the scientific method as the only valid tool in the search for knowledge.

Keywords: Environmental paradigm, anthropocentrism, responsibility, change, environmental ethics.

La posición del ser humano en el mundo y la crisis ambiental contemporánea

Resumen: El presente trabajo discute la posición del ser humano en relación a la naturaleza, su poder y consecuentemente la responsabilidad que tiene sobre ella. Además, el trabajo busca cuestionar el paradigma ambiental contemporáneo, basado en un antropocentrismo exagerado y responsable por el *status quo* que vivimos hoy. El problema reside en el modo como el ser humano percibe el mundo y su lugar en él. Debemos tener en cuenta que el ser humano es la única especie apta a promover grandes alteraciones en el ambiente. Como consecuencia de la actuación humana, la homeostasis de la biosfera está amenazada, considerándose la homeostasis como la condición estable en la cual un ecosistema encuentra su equilibrio. Desde los siglos XVI y XVII, con el pensamiento de Francis Bacon y René Descartes, pasamos a ver las cosas de una manera diferente – incluso a nosotros. El mundo, y todo que hay en él, empezó a ser visto como una grande máquina; el materialismo físico se hizo preponderante – formando un paradigma reduccionista que predomina hasta hoy. La Ética Ambiental ha surgido como una respuesta del hombre al propio hombre – es la afirmación que aspectos éticos pueden ser aplicados al otro, y no solamente al ser humano. Lo que necesitaríamos es un gran cambio en este paradigma, cuya origen se encuentra en las Revoluciones Científica y Industrial, que nos hicieron creer en la idea fantástica de progreso infinito, además de presentar el método científico como única herramienta válida en la búsqueda del conocimiento.

Palabras clave: Paradigma ambiental, antropocentrismo, responsabilidad, cambio, ética ambiental

Os filósofos sempre tentaram mostrar que não somos como outros animais, que vivem explorando o mundo com o olfato, meio às

cegas. No entanto, depois de todo o trabalho de Platão e Spinoza, Descartes e Bertrand Russell, não temos mais razão do que outros animais para acreditar que o Sol surgirá amanhã.ⁱ

1. Introdução

Uma das principais questões que se apresentam neste início de século XXI, sem dúvida alguma, é a questão ambiental. Estamos vivendo uma crise de paradigma, ao ocuparmos – por iniciativa própria – a posição de “seres superiores” em relação a todos os demais seres que habitam a Terra, estamos perdendo nosso lugar nela. Grande parte dos problemas que assolam nosso planeta, e a nós mesmos, deriva de um antropocentrismo levado às últimas consequências. O antropocentrismo teve início na época do Renascimento (séculos XIV a XVII) e parte do pressuposto que a humanidade, representada pela figura do ser humano, deve ocupar o centro referencial de nossos pensamentos e ações. Considera-se que a passagem da Idade Média à Idade Moderna, justamente com o período renascentista, causou uma mudança na perspectiva filosófica e cultural – antes centrada em Deus, e que passou a ser centrada no homem. Com isso consolidou-se a ideia de que, com o advento e o progresso da razão, o homem tornar-seia cada vez melhor e cada vez mais perfeito. Atualmente, ao mencionarmos o termo antropocentrismo, pensamos em correntes filosóficas que tomam como único paradigma as peculiaridades da espécie *Homo sapiens*. Assim, tudo o mais torna-se possuidor de valor relevante unicamente graças à existência humana. Disso advém a desvalorização de todas as outras espécies do planeta e a degradação ambiental, já que a natureza existe para ser controlada e utilizada por nós, seres humanos.

O principal problema encontra-se no fato de como o ser humano encara o mundo e seu lugar nele – ele não é superior a nenhum outro ser vivo deste planeta, entretanto, sabemos que é a única espécie capaz de promover sensíveis alterações no equilíbrio do ambiente. Como consequência, devemos agir com mais responsabilidade em relação a tudo que for não-humano. Ao tratarmos desse assunto, podemos evocar a seguinte frase: “Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”ⁱⁱ. Esta frase foi cunhada por Stan Lee, escritor e criador de diversos personagens de histórias em quadrinhos. Mesmo não sendo ele um pensador no sentido formal, sua ideia é bastante filosófica e pertinente à nossa discussão. Jamais poderíamos imaginar uma população de zebras, de búfalos ou de gnus causando um desequilíbrio no clima, no regime de chuvas ou nos ciclos naturais. Em

nossa defesa, contudo, podemos mencionar que houve, em tempos recentes, a aquisição de uma consciência por parte do ser humano no que tange seu papel e seu poder em relação à natureza. Parece que por fim percebemos que nossas ações causam grandes interferências no equilíbrio ecológico de nosso planeta. Como consequência da atuação humana, a homeostase da biosfera está seriamente ameaçada, entendendo-se por homeostase a condição estável na qual um ecossistema encontra seu equilíbrio. Contudo, no atual paradigma em que vivemos, grandes mudanças – embora não impossíveis – parecem, ainda, um pouco distantes. Temos de nos contentar com pequenas e graduais mudanças, que talvez dentro de algumas gerações consigam se concretizar plenamente.

A questão é que talvez estejamos presos a nós mesmos, e jamais conseguiremos enxergar nada além do ser humano. É justamente para resolver esse impasse que entra a Ética Ambiental. Ela surgiu como uma resposta do homem ao próprio homem – é a afirmação que aspectos éticos podem ser aplicados ao outro, e não somente ao ser humano. Nesse sentido, pode ser considerada um passo à frente, uma evolução – tanto em termos teóricos quanto práticos.

2. Raízes do atual paradigma ambiental

Entre as inúmeras influências que formaram o atual paradigma em que vivemos estão as ideias de Francis Bacon e René Descartes. Veremos, contudo, que esses dois filósofos merecem realmente parte do crédito pela construção dessa paradigma. Lembrando sempre que não podemos creditar toda a culpa de nossa situação a eles, já que foram apenas – por meio de extrema argúcia e perspicácia, além de terem sido excelentes filósofos – os porta-vozes de uma mudança que já estava se desenhando.

Escreve Marcelo Pelizzoli:

Num entendimento minimamente profundo do que se trata em termos de crise e crítica junto ao tema sócio-ecológico, do ecólogo e da ética em geral, o retorno ao clima da Revolução Científica (junto com a chamada Modernidade, séc. XVII em diante) é crucial, no sentido de rastrear como se formou o atual padrão de visão de mundo (“paradigma”), o prisma que guia a construção do Saber e da civilização tecnoindustrial. Assim, percebe-se que ocorreu uma

grande mutação na perspectiva de mundo, no sistema de valores e na construção da civilização a partir do século XVII, alterando radicalmente a própria cosmovisão, e com consequências que vêm sendo altamente questionadas.ⁱⁱⁱ

A partir da máxima de Bacon “Saber é poder”, ou seja, o conhecimento torna o ser humano capaz de dominar a natureza, e do pensamento de Descartes, passamos a enxergar as coisas de modo diferente – inclusive a nós mesmos. Juntamente a essa Revolução Científica deu-se também a Revolução Industrial. O mundo, com tudo que há nele, começou a ser visto como uma grande máquina; o mecanicismo e o materialismo físico passaram a imperar – criando um paradigma reducionista, no qual tudo podia ser calculado e quantificado. Percebemos que a razão acabou degenerando em uma razão instrumental – mudança essa percebida com muita argúcia pela Escola de Frankfurt. Adorno e Horkheimer traduziram essa alteração em seu livro *A Dialética do Esclarecimento*, onde afirmam que a racionalidade vigente se torna calculista, algo que desumaniza o humano e se volta para o técnico – só o que importa é o procedimento. Bacon, já em sua época, havia elaborado um plano para conquistar a natureza, domá-la e fazer dela uma serviçal para nós seres humanos. O que precisaríamos hoje seria uma grande mudança nesse paradigma, cuja origem se encontra nas Revoluções Científica e Industrial, que nos fizeram acreditar na ideia fantasiosa de um progresso infinito, além de colocar o método científico como única ferramenta válida na busca do conhecimento.

Reconhecer a natureza como sendo possuidora de um valor intrínseco e enxergá-la como Outro (na concepção de Lévinas) foi uma conquista recente da humanidade, mas esse foi apenas o primeiro passo. As concepções éticas de Kant, Hegel e de muitos filósofos excluía o outro como “Outro”, eram teorias que reproduziam o paradigma do poder e da dominação sobre a alteridade. Ainda segundo Pelizzoli, “A civilização da razão científica e instrumental, efetivada com a sociedade industrial, trouxe consigo um distanciamento do homem com o seu aspecto orgânico”.^{iv}

3. A necessidade de uma mudança paradigmática

Como resposta a essa questão surge, no ano de 1973, o movimento chamado *Deep Ecology* (Ecologia Profunda), tendo por principal expoente o filósofo norueguês Arne Naess. Os princípios da Ecologia Profunda residem na ideia de que o homem seria parte

integrante do ambiente, e que, como consequência disso, as espécies nãohumanas e os ecossistemas assumiriam um *status* e um valor muito maiores do que atualmente possuem. A Ecologia Profunda acabou levando a um novo sistema ético, a uma nova maneira de encarar o mundo e os valores que dele emanam. O filósofo Ricardo Timm de Souza, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e grande conhecedor do pensamento de Lévinas, defende a tese de que a natureza deve ser concebida desde o parâmetro da alteridade, como relação e respeito à característica própria do outro, ou seja, que ela seja vista como Outro – esta seria a condição de uma relação eficaz e digna para com a natureza. Em seu livro *Totalidade e Desagregação*, Timm afirma:

As soluções ambientais correntes, fruto em geral de uma tradição filosófica que também é de certa forma mãe da crise ecológica, não costumam permitir a desarticulação de sua metafísica interna. O que daí advém é uma visão totalizante da natureza, aparentemente mais saudável, uma ampla combinação de elementos (entre os quais se encontra o ser humano) que se configuraria em um todo igualitário composto por elementos inanimados. Compõe-se então um grande painel onde todos falam a mesma língua, onde a expressão “respeito à natureza” está à disposição dos bem intencionados, onde a tentativa de efetivação deste respeito amacia a consciência e não permite a percepção do fato de que se está a usar esquemas viciados de compreensão da própria ideia de natureza.^v

Pertinente à essa discussão podemos citar o exemplo do problema do aquecimento global – tão em voga ultimamente. Em outubro de 2003, um grupo do Pentágono divulgou um relatório intitulado *Uma hipótese de mudança abrupta do clima e suas consequências para a segurança nacional americana*. Na época, suas análises e propostas eram incompatíveis com os planos do governo Bush, e foram arquivadas. O relatório examinava as consequências geopolíticas de uma mudança climática, tais como escassez de alimentos, menor disponibilidade de água e problemas no acesso a fontes de energia. Outro importante exemplo é o Protocolo de Kyoto, até hoje alvo de críticas, seja por parte dos países emergentes, seja por parte dos países desenvolvidos. Muitas das metas estabelecidas não são aplicáveis aos países que buscam desenvolvimento, mas sua

principal falha reside no fato de que ele não possui mecanismos de imposição. Com isso, podemos perceber que algumas ações estão sendo tomadas para tentar amenizar a crise ambiental, mas são esforços ainda tímidos e pouco coordenados. John Gray escreve, em seu livro *Missa Negra*, de 2007:

Num mundo anárquico, os problemas ambientais globais são politicamente insolúveis. A crise ambiental é uma fatalidade que o homem pode tentar contornar, mas não superar. Sua origem está no poder de gerar formas de conhecimento que estabelecem distinção entre os seres humanos e os outros animais. O progresso do conhecimento permitiu ao homem multiplicar-se, aumentar sua expectativa de vida e criar riqueza numa escala inédita. Mas o aquecimento global e a escassez de energia surgiram como consequência do avanço do industrialismo, que também é um subproduto do progresso científico.^{vi}

Para explicitar ainda mais a necessidade de uma mudança paradigmática, usaremos um exemplo oriundo da Astronomia, a saber, o planeta Vênus. Este planeta possui uma atmosfera de 80 km de profundidade formada predominantemente de dióxido de carbono (96,5% de CO₂ e 3,5% de nitrogênio e traços de outros gases), e uma grossa camada de nuvens formada por gotículas de ácido sulfúrico (H₂SO₄) que reflete 80 % de sua luz solar. Como sabemos, o dióxido de carbono tem a propriedade de impedir que o calor saia de um planeta, causando uma espécie de “efeito estufa”. O que estamos fazendo, há mais de 200 anos, desde o início da Revolução Industrial, é aumentar drasticamente as emissões de CO₂ em nosso planeta (a concentração desse gás na atmosfera aumentou em mais de 31% desde então). Essas emissões não são, de forma alguma, naturais – e a Terra, embora passe por oscilações históricas nos níveis de dióxido de carbono, jamais conseguiria produzir tamanha quantidade desse gás. Ainda não sabemos o que acontecerá a longo prazo, mas uma coisa podemos afirmar, as ações do homem interferem – e muito – no meio ambiente e no ecossistema terrestre. Está claro que temos um poder de criação e de destruição que nenhum ser não-humano é capaz de rivalizar.

De acordo com a ideia de que o homem é diferenciado dos outros animais, já que ele possui um enorme poder de atuação sobre o ambiente que outros seres não podem igualar, o filósofo Hans Jonas postulou o Princípio Responsabilidade. Sua postura é claramente ética, ele busca a contenção, ele planeja evitar que o poder desenfreado e descontrolado do homem cause danos irreversíveis ao planeta e às futuras gerações. Jonas nos diz que “o princípio responsabilidade contrapõe uma tarefa mais modesta, decretada

pelo temor e o respeito: preservar a permanente ambiguidade da liberdade do homem, preservar a integridade de seu mundo e de sua essência frente aos abusos de poder”^{vii}. Sua ideia é a de nos dizer que na relação homem-natureza houve, com o passar do tempo, a formação de uma tradição na qual a natureza – anteriormente nossa provedora absoluta, uma *mater natura* – passou a ser vista como um mero objeto de conhecimento, transformação e manipulação *stricto sensu*. Para Jonas “a profanação da Natureza e a civilização vão juntas”.^{viii}

O Princípio Responsabilidade de Jonas deixa claro que o *Homo faber*, uma criação da técnica, colocou-se muito acima do *Homo sapiens*, dotado da inteligência e do bom senso – e é aqui que entra em cena a questão da responsabilidade, o homem deve observar atentamente seus atos e as consequências que deles derivam. Jonas cria um “imperativo categórico ambiental” (baseado no imperativo categórico kantiano) para o Princípio Responsabilidade, que postula: “Aja de tal modo que os efeitos de sua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica sobre a Terra”^{ix}. Jonas está preocupado não somente com os efeitos da *téchne* (técnica) sobre a natureza e o ambiente, mas também com seus efeitos sobre o próprio homem que, segundo ele, estaria se tornando objeto da técnica.

Hoje a *téchne*, em sua forma de técnica moderna, se transformou em um infinito impulso adiante da espécie, em sua realização mais importante, em cujo contínuo avanço, que supera a si mesmo em direção a coisas cada vez maiores, buscamos ver a missão da humanidade, e cujo sucesso em alcançar o máximo de domínio sobre as coisas e os próprios homens se apresenta como a realização de seu destino. Em outras palavras, inclusive independentemente de suas obras objetivas, a tecnologia exige significação ética pelo lugar central que agora ocupa na vida dos fins subjetivos do homem.^x

A grande questão que se coloca é a de que o homem torna-se cada vez mais responsável pela biosfera. Existe uma miríade de variáveis que interferem no processo relacional homem-natureza, e uma dessas reside na questão econômica. Urbano Zilles, em aula ministrada na disciplina de Teoria do Conhecimento no Programa de PósGraduação em Letras da PUCRS, no primeiro semestre de 2004, disse que “Se o conhecimento científico-tecnológico se orientar unicamente pelas leis do livre mercado, é possível que aquilo que hoje se apresenta como a grande esperança, amanhã se torne autodestruição da espécie humana.” (ZILLES, 2004, p. 5)

Para Adorno e Horkheimer, há um entrelaçamento inseparável entre natureza e dominação da natureza. Segundo eles, em seu livro *A Dialética do Esclarecimento*, “a submissão de tudo aquilo que é natural ao sujeito autocrático culmina exatamente no domínio de uma natureza e uma objetividade cegas”^{xi}. A crítica feita ao Esclarecimento é bastante contundente e, embora a intenção inicial da *Aufklärung* fosse justamente fugir do mito em direção a uma posição “iluminada pela luz da razão”, essa fuga mostra-se inútil – o esclarecimento, ao vencer o mito, torna-se ele próprio um novo mito. Outro filósofo que recebe duras críticas de Adorno e Horkheimer é Francis Bacon, com seu ideal de domínio da natureza. No capítulo sobre o conceito de Esclarecimento, eles escrevem:

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. [...] A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. [...] O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa.^{xii}

O que passou a vigorar, desde então, foi a visão de que tudo poderia ser reduzido a uma fórmula, a um cálculo, a um procedimento – e mais do que reduzido, poderia ser dominado. Dominação que passou a ser aplicada tanto à natureza quanto ao próprio homem. Em sua busca pelo poder, o ser humano transformou a essência das coisas em mero substrato de dominação – e a natureza torna-se o que deve ser apreendido matematicamente. Ainda segundo os filósofos da Escola de Frankfurt “A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu”¹². Pensando, os homens distanciam-se da natureza para assim torná-la presente e, dessa forma, fazem-na presente para poder ser dominada. Hannah Arendt, escrevendo em 1958, afirmou o seguinte:

Esse homem futuro, que segundo os cientistas será produzido em menos de um século, parece motivado por uma rebelião contra a existência humana tal como nos foi dada – um dom gratuito vindo do nada (secularmente falando), que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo. Não há razão para duvidar de que sejamos capazes de realizar essa troca, tal como não há motivo para duvidar de nossa atual capacidade de destruir toda a vida orgânica da Terra. A questão é apenas se desejamos usar nessa

direção nosso novo conhecimento científico e técnico.^{xiii} A aplicação de nosso conhecimento envolve problemas éticos, pois a ciência não se restringe a interpretar o mundo, mas também o transforma. Decisões científicas condicionam e possibilitam a produção como também a distribuição de chances e riscos. Assim como todo o resto, a ciência e suas aplicações podem ser benéficas ou não – basta lembrarmos o icônico exemplo da energia nuclear, de um lado temos o uso pacífico, do outro temos a bomba atômica. Informação importante que vale ressaltar é a origem do termo “bioética”. Ele foi cunhado em 1970 pelo oncologista norte-americano Van Rensselaer Potter, na tentativa de assegurar a sobrevivência da humanidade ameaçada por uma ciência descontrolada e, muitas vezes, irresponsável. Potter percebeu que havia um abismo entre o rápido avanço da ciência e a reflexão crítica sobre o que é conveniente e permitido.

Não podemos deixar de perceber que os avanços técnicos atuais ocorrem em um ritmo cada vez mais acelerado, e se nossa reflexão ética não conseguir acompanhar essas mudanças, corremos sérios riscos de que as gerações futuras sejam prejudicadas por nossos atos – não somente elas, mas também o nosso planeta.

4. Considerações finais

A questão ambiental assumiu hoje uma inegável dimensão ética, e como tal, diversos aspectos da vida humana se entrelaçam nela. As questões envolvendo ciência e ética tornam-se ao mesmo tempo complexas e extremamente importantes, pois a ciência não aumenta somente o poder humano, mas intensifica também suas imperfeições. Se por um lado a tecnologia científica nos permite viver mais e ter um padrão de vida mais elevado, por outro ela pode causar destruição – a nós mesmos e ao planeta – em uma escala jamais vista. O homem, quando se coloca no centro de tudo, crê que pode controlar totalmente a tecnologia. Entretanto, este controle não está em nossas mãos – a tecnologia depende tanto do homem quanto o homem depende da tecnologia. O desejo de nossa espécie de impor seu domínio sobre o mundo faz parte da velha ilusão moderna segundo a qual tudo pode ser conhecido por meio da ciência positiva e controlado pela tecnologia. John Gray, em seu livro *Cachorros de Palha*, afirma:

Nada é mais lugar-comum do que lamentar que o progresso moral não tenha conseguido acompanhar o conhecimento científico. Se pelo menos fôssemos mais inteligentes ou mais éticos, poderíamos usar a tecnologia somente para fins benéficos. A falta não está em nossas ferramentas, dizemos, mas em nós mesmos. Em certo sentido, isso é verdade. O progresso técnico deixa apenas um problema a resolver: a fraqueza moral da natureza humana.

Infelizmente, esse problema é insolúvel.^{xiv}

Depreendemos de toda essa discussão, que o ser humano, mesmo não possuindo um *status* ontológico superior a nenhum outro ser vivo, e acreditamos que Darwin tenha deixado isso bem claro, é o único possuidor do poder de alterar sensivelmente sua vida e a vida dos demais seres terrestres. A responsabilidade que advém deste imenso poder é também muito grande, e devemos basear os avanços tecnológicos bem como seus usos em preceitos éticos. A Ética Ambiental busca oferecer uma resposta a esses inúmeros questionamentos, através da reflexão e da análise crítica em relação à capacidade humana. Possuímos tanto o poder para destruir quanto para construir e, sem um controle ético, estaremos colocando em risco toda a vida existente na Terra.

O ser humano encontra-se no estágio de maior avanço tecnológico de seus 12.000 anos de história. Muito já foi feito em termos de ciência e de conhecimento, entretanto, ao passo que houve um progresso muito grande desses dois conceitos, o mesmo não se pode dizer da ética. Não queremos com isso afirmar que ela retrocedeu, mas sim que ela não soube acompanhar o rápido desenrolar de nossa ciência e de nosso conhecimento. Atingimos uma escala de atuação e interferência em nosso ambiente nunca antes vista. Estamos utilizando os recursos de nosso planeta em um ritmo por demais acelerado e, se continuarmos assim, não temos como saber se nosso futuro estará garantido. Assim como em outras épocas os paradigmas vigentes sofreram mudanças, vivemos hoje uma crise, e para sairmos dela necessitamos de uma mudança em nosso paradigma ambiental, em nosso papel no mundo e na forma como utilizamos nosso poder e nossa responsabilidade. Se foi o ser humano e sua forma de agir no mundo que criaram esta situação, cabe ao próprio ser humano encontrar uma saída. Não podemos barrar os avanços científicos e tecnológicos, mas podemos controlá-los da melhor forma possível se utilizarmos a ética a nosso favor. Hoje, a Ética Ambiental é tão importante quanto a ética “humana”, pois vivemos em um tempo onde o poder é extremo – logo, a responsabilidade deve ser, ela também, extrema.

* Graduado em Biologia e Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e bolsista do CNPq. Pesquisador do Laboratório de Bioética e Ética Aplicada a Animais da PUCRS. E-mail: fabio.possamai@acad.pucrs.br

Recibido: 31/3/2010

Aceptado: 11/7/2010

REFERENCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GRAY, John. *Cachorros de palha*: reflexões sobre humanos e outros animais. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GRAY, John. *Missa Negra*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

JONAS, Hans. *El principio responsabilidad*: Ensayo de una ética para La civilización tecnológica. Barcelona: Editorial Herder, 1995.

LEE, Stan. *Amazing Fantasy 15*. New York: Marvel Comics, 1962.

PELIZZOLI, M.L. *A emergência do paradigma ecológico*: Reflexões ético-filosóficas para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 1999.

PELIZZOLI, M.L. *Correntes da ética ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2002.

RIDPATH, Ian. *Guia ilustrado Zahar: Astronomia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

TIMM de SOUZA, Ricardo. *Totalidade e Desagregação*: Sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ZILLES, Urbano. *O caráter ético do conhecimento científico*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

- ⁱ GRAY, John. *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais*. 6a Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 72.
- ⁱⁱ LEE, Stan. *Amazing Fantasy 15*. New York: Marvel Comics, 1962. ⁱⁱⁱ PELIZZOLI, M.L. *Correntes da ética ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 15. ^{iv} PELIZZOLI, M.L. *A emergência do paradigma ecológico: Reflexões ético-filosóficas para o século XXI*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 25.
- ^v TIMM de SOUZA, Ricardo. *Totalidade e Desagregação: Sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 152-153. ^{vi} GRAY, John. *Missa Negra*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 303. ^{vii} JONAS, Hans. *El principio responsabilidad: Ensayo de una ética para La civilización tecnológica*. Barcelona: Editorial Herder, 1995, p. 16.
- ^{viii} JONAS, Hans. *El principio responsabilidad: Ensayo de una ética para La civilización tecnológica*. Barcelona: Editorial Herder, 1995, p. 27.
- ^{ix} JONAS, Hans. *El principio responsabilidad: Ensayo de una ética para La civilización tecnológica*. Barcelona: Editorial Herder, 1995, p. 41.
- ^x JONAS, Hans. *El principio responsabilidad: Ensayo de una ética para La civilización tecnológica*. Barcelona: Editorial Herder, 1995, p. 36.
- ^{xi} ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986, p.16.
- ^{xii} ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986, p.20. ^{xiii} ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 10-11. ^{xiv} GRAY, John. *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 31.

